

Murat, Laure (2013), *L'homme qui se prenait pour Napoléon. Pour une histoire politique de la folie*, Folio, 432 pp., ISBN 978-2-07-044835-7.

Qual o impacto dos acontecimentos históricos sob loucura? Podemos avaliar o papel de uma revolução ou de uma mudança de regime na evolução do discurso da desrazão? Que inquietudes políticas e sociais os delírios comportam? Para responder a estas questões, Laure Murat interrogou os arquivos psiquiátricos dos grandes asilos de alienados do século XIX: Bicêtre, La Salpêtrière, Sainte-Anne e Charenton, num período compreendido entre 1789 a 1871.

No primeiro capítulo, *1793 ou comment perdre la tête*, Laure Murat observa que, sobretudo sob o Terror, há uma relação evidente entre o nascimento da psiquiatria e a invenção da guilhotina, como sugere o duplo sentido da expressão «perder a cabeça». Deste modo, a “psiquiatria e a guilhotina unem-se na relação da cabeça e do corpo, da sua ligação ou do seu divórcio, da integridade do eu e da consciência” (p. 63). As duas foram concebidas pelo corpo médico e ambas respondiam ao mesmo projecto político que visava reformar a sociedade. Em *Spectres de la guillotine*, a autora evidencia o poder que a imagem da guilhotina teve na assombração das consciências. Como nota Laure Murat, “a figura da «cabeça cortada» teve o poder de “petrificar”, tanto que nos asilos «o terror tem um rosto: a guilhotina» (p. 101).

No entender da autora, com a Revolução e a investida científica de Pinel, a psiquiatria torna-se uma significativa arma ao serviço do Estado. Em *Un médecin au chevet du corps de l'État*, a investigadora realça a proximidade do discurso psiquiátrico com o discurso político, onde o primeiro surge como uma instância de legitimação do segundo, ao mesmo tempo que explora as contradições do tratamento moral preconizado pelo pai da psiquiatria francesa.

No segundo capítulo, *L'asile, prison politique*, Laure Murat constata que sob o Terror, o poder político mantinha “um estranho casamento entre alienação e repressão”, ao requisitar estabelecimentos de cuidados privados para os transformar em prisões. Assim, para a autora instalou-se neste período uma “tripla confusão” fruto da interseção entre a psiquiatria e o poder político: “confusão de *estatuto* entre casa de saúde e casa de detenção (Belhome...), confusão de *natureza* entre o louco e o opositor ao regime (Malet); confusão de *papéis* do alienista, que coopera com o poder, mas protege também os detidos que lhe são confiados (Dubuisson, Casimir Pinel) (p. 137).

Sem procurar questionar a hipotética realidade da doença mental, mas no esforço por “esclarecer os critérios de internamento e o sistema complexo que os ordena” Laure Murat esmiuça no subcapítulo *Dissidence ou démence?*, a ambi-

guidade dos “casos médicos” referentes ao político. A partir de que momento e segundo que critérios “nos afastamos de um discurso político ‘razoável’” e a partir de que momento e segundo que critérios “a dissidência se acompanha de excessos considerados ‘delirantes’?”

No terceiro capítulo, *L’homme qui se prenait pour Napoléon*, Laure Murat refere que, no dia seguinte ao retorno das cinzas de Napoleão, a 15 de dezembro de 1840, o director de Bicêtre assinala a entrada de quatorze novos “imperadores”.

Como explica a autora, o século XIX conhece uma doença específica chamada monomania dita “orgulhosa” ou “ambiciosa”, contemporânea de uma certa “heroicização do mundo”, que segundo a autora deve muito à figura de Napoleão Bonaparte. Responde também aos anseios de uma sociedade preocupada com a glória individual e que assiste a uma “exaltação do eu” sem precedentes. Neste contexto, para o Dr. François Fabre, não há dúvida de que “a loucura do século é o orgulho” e jamais na história “vimos tantos homens dar-se por sábios, capacitados, talentosos de primeira ordem” (p. 188).

Napoleão é o *maître de l’univers*, é a “figura por excelência do super-homem, o símbolo próprio da dominação e de todo o poder moderno” (p. 217). Face a outros reis europeus, cujos títulos eram herdados através de longas dinastias de direito divino, Napoleão é o *Usurpador* que chega à cabeça da Europa por ele próprio. O exemplo compara-se ao que os Estados Unidos chamam de um *self-made-man*. Neste âmbito, é fácil supor que a projecção de um monarca conquistador tenha catalizado os delírios de centenas de homens e mulheres, “frequentemente frágeis pela existência”, e que são uma dia autorizados a identificar-se com Napoleão, esse “prodigioso fenómeno de vontade”. Através da sua imagem de conquistador, seguro de que o “impossível não é francês”, o poder torna-se acessível a todo aquele que desejava fundar uma nova dinastia e mudar o mundo (p. 219).

No quarto capítulo, *Morbus democraticus*, Laure Murat nota que a grande maioria dos alienistas do século XIX estigmatizou a exaltação republicana e os seus efeitos nas populações. Os médicos veem-se confrontados, neste período, com um aumento de alienados nos asilos e desta forma “tentam racionalizar e por em palavras de especialista estes desejos de emancipação, de liberdade e de progresso” (p. 242). Como explica a autora, assistimos a uma “psiquiatrização crescente do político”, com a aparição de termos como monomania política, depois *morbus democraticus* (doença democrática) ou ainda “paranóia reformadora”, para designar a “epidemia” da época.

No subcapítulo *Théroigne de Méricourt ou la mélancolie révolutionnaire*, a autora apresenta-nos o célebre caso desta jovem revolucionária, estudo clássico elaborado por Esquirol, da “lipemania” ou melancolia. O dossier que o médico fará da sua paciente é, no entender da autora, a prova da deturpação de um

diagnóstico com base nas convicções políticas e morais do alienista. Para Laure Murat este caso ilustra bem a manipulação e a construção de um diagnóstico, onde Esquirol “muda os factos, e sobretudo interpreta-os, para demonstrar ‘clínicamente’ os danos supostos da Revolução” (p. 256).

No subcapítulo *L’Asile de la misère*, a autora foca o papel das condições de vida do século XIX enquanto potenciadoras da alienação mental, onde o asilo surge como o espelho de uma sociedade atingida por “um dos grandes flagelos do século: a miséria”. Neste âmbito, o delírio entende-se como um “refúgio que tem propriedade de consolação”. Os mais miseráveis veem-se subitamente duques e duquesas, reis e rainhas, milionários e donos do mundo; a loucura constituiu para muitas destas pessoas “a última defesa contra o horror de um destino sem saída” (p. 318).

No quinto capítulo, *La Raison Insurgée*, Laure Murat explora as consequências que vários conflitos bélicos do século XIX tiveram na produção dos delírios. Em *Jeanne D’Arc et les panaphofes gémissieurs* a autora nota que muitas mulheres acreditavam ser Jean d’Arc, cujo processo de canonização começava em 1869, e portanto, as “heroínas de França” que “Deus lhes impôs a tarefa de salvar o país” (p. 333).

Esta obra revela-se de leitura importante sob diversos aspetos. Em primeiro lugar pelo carácter inédito do seu sujeito: o alienado. Laure Murat demonstra ao longo deste livro que o discurso da desrazão tem muito a dizer sobre os grandes acontecimentos políticos, económicos e sociais do século XIX. Os discursos da desrazão, desvalorizados durante muito tempo, escondidos atrás do discurso paradigmático do alienista, dão-nos pistas importantes sobre os medos, as inquietudes, as ansiedades de uma sociedade que assistiu ao conturbado nascimento do mundo contemporâneo. Esta obra, ao explorar o contexto em que foram moldados os alienistas e as suas obras, constitui um indispensável apoio à investigação para todos os que tencionem estudar matérias relacionadas com o desenvolvimento da psiquiatria e os alienistas portugueses, já que todo o corpo científico do alienismo foi forjado precisamente no período que Laure Murat balizou nesta obra.

TÂNIA SOFIA FERREIRA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
– Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais
up201109607@letras.up.pt
tania21mail@sapo.pt